Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

OS EMBARÇOS NO MANUSEIO DOS OBJETOS TOPOLÓGICOS E OS CONCEITOS PSICANALÍTICOS

Tânia Aparecida Pachione –tania.pachione@gmail.com

Resumo: Este trabalho permite apreender pelo estudo do Seminário 9 – A Identificação, as elaborações de Lacan da identificação pelo significante, através do traço unário e a incidência na estrutura do sujeito. Ele avança em relação ao Grafo do desejo, como esquema planificado para a topologia com o recurso da quarta dimensão, incluindo o espaço e o tempo. Pelos objetos topológicos: oito invertido, toro, cross-cap, apresenta os conceitos psicanalíticos Demanda, desejo, sujeito, Outro, falo, fantasia, objeto **a,** de forma a levar ao manuseio desse objetos. Construo esses objetos e descrevo a experiencia, pois segundo Lacan o erro faz parte da experiência psicanalítica e da estrutura do sujeito do inconsciente.

Palavras-chave: Seminário 9; traço unário; significante; identificação; objetos topológicos;

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

THE EMBARRASSMENT IN THE HANDLING OF TOPOLOGICAL OBJECTS AND PSYCHOANALYTIC CONCEPTS

Tânia Aparecida Pachione –tania.pachione@gmail.com

Abstract: This work allows us to understand, through the study of Seminar 9 – Identification, Lacan's elaborations of identification through the signifier, through the unary trait and the incidence in the structure of the subject. It advances in relation to the Desire Graph, as a flat scheme for topology using the fourth dimension, including space and time. Through topological objects: inverted eight, torus, cross-cap, presents the psychoanalytic concepts Demand, desire, subject, Other, phallus, fantasy, object a, in a way that leads to the handling of these objects. I construct these objects and describe the experience, because according to Lacan, error is part of the psychoanalytic experience and the structure of the unconscious subject.

Key words: Seminar 9; unary trait; significant; identification; topological objects.

São Paulo

2024

Os embaraços no manuseio dos objetos topológicos e os conceitos psicanalíticos

Introdução

Desafiar-se a escrever sobre este longo percurso de estudo e aprendizado sobre o Seminário 9 – A Identificação e poder revisitar o que supostamente havia lido até então nos seminários anteriores, com relação a muitos dos conceitos, que como tanto outros analistas, supunha haver apreendido, talvez deva-se ao fato de repetir um "lacanes" com frases do tipo: "um significante representa um sujeito para outro significante" ou até mesmo "um analista se autoriza por ele mesmo e por alguns outros" , fazendo com que pretensamente eu fizesse parte de um enunciado compartilhado de conhecimento na comunidade. Para a escrita deste trabalho baseio-me apenas no aprendizado desenvolvido nesse Seminário quanto a topologia.

Lacan retoma a base dos conceitos: significante, sujeito, Outro, fantasia, objeto a, desejo e Demanda partindo de Descartes, "Penso, logo sou" e avança devagarinho com pass de rastro, rastro e marca pelo traço unário, suporte de um significante na direção da topologia, pela banda de Moebius, oito invertido, toro e cross-cap dando um nó literalmente e deixando na falta e no embaraço do erro ao manusear os objetos topológicos, e porque não na experiencia da clínica. Lacan adverte que a clínica não se dá de forma explicita no transcorrer do Seminário 9.

Retoma o conceito de identificação proposto por Freud, dizendo que foi a primeira identificação e destaca o valor de insígnia do pai, da introjeção do objeto no eu, e avança na segunda identificação, ao líder, passando a assumir o lugar de objeto no ideal do eu de cada sujeito que compõe a massa conforme descreve no texto *Psicologia das massas e análise do ego*.

Lacan desenvolve a terceira identificação, sem descartar a formulada por Freud, agora pela abordagem do significante puro, na medida que o significante faz surgir o traço unário no mundo, que uma vez destacado faz aparecer o sujeito como aquele que conta.

Traço unário como "aquilo por meio do qual cada um dos entes é dito ser um" (LACAN, 2003, p. 68), nesse sentido o destaque se dá a unicidade pela distinção de alguma coisa em relação àquilo que o cerca, um traço distintivo, o qual tem sua função a medida que tudo o que dele é apagado o distingue, tornando-o uma marca, portanto suporta em si exatamente a diferença de traço.

O traço unário vem dar suporte ao significante "enquanto o significante é o apagador principal da Coisa; que é ele, o sujeito que, ao apagar todos os traços da Coisa, faz o significante" (LACAN, 2003, p. 198).

Lacan define significante por representar um sujeito a outro significante sendo nessa hiância que o sujeito se conta, “equivale a um certo significante, é neste sentido que o comportamento se repete para fazer ressurgir esse significante que é, como tal, o número que ele funda” (LACAN, 2003, p. 77). “É porque há um sujeito que se marca a si mesmo ou não com o traço unário, que é 1 ou -1, que se pode haver um -a, (...) há um vazio e é daí que vai partir o sujeito” (LACAN, 2003, p. 176)

Será essa a questão suscitada em Lacan ao finalizar o Seminário 8 – A transferência, com a questão de como opera-se a transferência na experiencia analítica? Neste momento paro e questiono-me do porquê de Lacan insere os objetos topológicos? Onde está o traço unário e o significante nestas figuras?

1 O Grafo do desejo e os objetos topológicos

Ao recordar o desenvolvimento feito na construção do Grafo do desejo no Seminário 5 – as formações do inconsciente e no texto Subversão do sujeito e dialética do desejo, evidencia-se a estruturação do sujeito do inconsciente, e os lugares estão demarcados e pode-se na experiencia analítica localizar o sujeito.

No Grafo do desejo o percurso inicia-se com a necessidade no âmbito da subsistência para constituição do sujeito, é imprescindível que exista um Outro, **(A)**, que o reconheça, primeiramente no nível do estádio do espelho, onde o sujeito constitui a imagem a partir da imagem do desejo do outro, i(a), através de uma demanda que o Outro **(A)** decodifica e dá significado, **s(A)**, a partir do momento que é reconhecido e se reconhece, tem-se a constituição do eu, **(m)**. Intermediado momentaneamente no eixo do imaginário, onde o significante o nomeia dentre tantos outros da cadeia significante no nível do enunciado. É nesse patamar do Grafo que se dá a relação do sujeito com o Outro pelo efeito de retroação do significante, a identificação freudiana está neste patamar. Este sujeito poderá ascender a cadeia dos significantes no eixo simbólico através da fantasia, **$<>a**, e ter fugaz lampejo de seu desejo, **d**, pela insistência de sua demanda, **$<>D**, ao se dirigir ao Outro, **A**, sem perder de vista que o Outro, **A**, não é absoluto, pois lhe falta algo, **S(Ⱥ)**, o falo, o que retoma a questão no nível da enunciação **Che vuoi?**

O Grafo é um recurso válido e é apreendido na experiencia analítica pela escuta diante dos lugares ocupados no discurso analítico. Lacan coloca que é um esquema planificado, em duas dimensões, faltando consistência para manuseá-lo. A inserção da lógica é inevitável, mas a lógica do funcionamento do significante na medida que é a lógica da relação do sujeito com o significante. Assim será pela inserção da topologia o manuseio da terceira e quarta dimensão,

ou seja, do espaço e do tempo, trazendo toda a desordem, a impaciência, e a abstração que não se está acostumado a lidar: “não sei”, “deu errado”, “pra que isso agora”, assim aventurar-se no seminário 9, é arriscar-se no estudo e na clínica numa aposta do sujeito do desejo.

Descartes define o ser a partir do enunciado, “Penso, logo sou”, portanto, é pelo pensamento que eu existo, trazendo intrinsicamente a questão de que se não penso não sou? A psicanálise entra neste hiato entre pensar e existir, pois, é neste lugar, onde não penso que existo, que define o sujeito do inconsciente. A partir desse sujeito que não é mais garantido por Deus, pois Deus falta, vem a questão de como este sujeito se constitui. Lacan elabora que o sujeito se constitui a partir do desejo do Outro, este sujeito é efeito do significante que o marca, assim nada é garantido.

O sujeito se constitui pelo desejo do Outro, pela imagem do desejo do outro, **i(a)**, fazendo-se em princípio idêntico com esse outro, portanto **A=A**, então o que diferencia o sujeito desse Outro? O que diferencia, **A≠A**, são as marcas que o constitui a partir do traço unário, em sua diferença qualitativa, um traço distinto dentro de uma certa bateria onde esse traço é o que os outros não são. O nada passa a ser nomeado pelo pass de rastro, rastro, marca, é uma das definições do traço unário. “Se é do objeto que o traço surge, é algo do objeto que o traço retém, justamente sua unicidade” (LACAN, 2003, p. 103). Este vem a ser o suporte do significante que nomeia e é nomeado pelo Outro naquilo que lhe falta, o falo.

Quando se fala do sujeito e do Outro não se deve perder de vista o enlaçamento que se faz entre eles pelo circuito da demanda e do desejo, através do objeto de desejo que vem a ser constituído por um véu que é a fantasia. Lacan parte deste circuito do enlaçamento entre o sujeito e o Outro para introduzir os objetos topológicos com a finalidade de colocar a “mão na massa” pelo manuseio e consistência que dará a superfície e ao corte destes objetos em se tratando da experiencia analítica.

Retoma a banda de Moebius para dar noção de que não há borda, não há lado interno ou externo, portanto, uma superfície unilátera, orientável, especulável, superfície essa do sujeito que sem se dar conta se move, num contínuo, faz-se signo, em representar algo para alguém, num determinado tempo. Se faz voltas de forma infinita e repetitivas por deslizar, o significado em um dado momento é um, e, em seguida já não será mais o mesmo. O corte nessa superfície pode interromper e engendrar uma interrogação no sujeito, através do corte pelo significante. “O significante determina o sujeito, (...) é isso que quer dizer a experiencia psicanalítica” (LACAN, 2003, p. 352), em outras palavras como o corte engendra a superfície na topologia.

Para representar que um sujeito se conta pelo significante e ao mesmo tempo este significante o nomeia e está compreendido na cadeia de significantes Lacan traz o oito invertido, "... se trata para nós de pôr em primeiro plano que um significante não poderia significar-se a si mesmo" (LACAN, 2003, p. 264), porém pode se servir a se significar desde que se coloque "... como diferente de si mesmo. É isso que se trata de simbolizar" (LACAN, 2003, p. 264). "Que permite simbolizar esse limite, enquanto ele se retoma a si mesmo, se identifica a si mesmo" (LACAN, 2003, p. 270).

De forma singular não conseguia visualizar a figura do oito invertido e buscava através do sentido ver o oito e entender onde este estava, e num momento lúdico ao pegar um barbante e brincar com o nó, pude rir da simplicidade da torção ao cair um círculo menor e irregular no círculo maior, fazendo um oito, agora sim invertido por deixar minha imaginação solta da matemática convencional. O oito invertido é a menor forma geométrica que tem o nó redutível a nada, onde o sujeito se compreende em um conjunto maior de significante.

No oito invertido tem-se o conjunto de significante compreendidos nesta figura topológica, porém do lado do sujeito, não se tem a representação do Outro, para isso Lacan lança mão do toro, similar a uma boia de piscina ou uma câmara de ar de pneu para poder abstrair a figura. Nesse objeto existe um vazio, é neste vazio que se sustenta e se constitui a demanda, e existe um volume que não pode ser deformável sem a perda das propriedades topológicas.

O toro é uma figura desenhada por uma circunferência em torno de um eixo situado em seu plano, "(...) e o que é engendrado é uma superfície fechada. (...) o acento que entendo pôr sobre a superfície na função do sujeito" (LACAN, 2003, p. 186), sendo por estas propriedades que será demonstrado a identificação, pelo laço.

As propriedades do toro, figura 1, dão a Lacan a possibilidade de introduzir alguns conceitos como a Demanda, representada pelos círculos plenos, de forma repetitiva e metonímica dando suporte a superfície externa. A repetição de cada volta faz-se na intenção de fechar o círculo ao ser atendida, portanto a volta da repetição comporta o traço unário pela unicidade significante e enquanto uma das voltas da repetição que "(...) marcou o sujeito que se põe a repetir o que ele não poderia evidentemente repetir, (...) mas com o objetivo, com o desígnio de fazer ressurgir o unário primitivo de uma das suas voltas." (LACAN, 2003, p. 181).

O destino do sujeito só pode ser descrito pela passagem pelo Outro, "... enquanto o Outro é marcado pelo significante. E é no aquém dessa passagem necessária para o significante que se constituem como tais o desejo e seu objeto" (LACAN, 2003, p. 231).

No toro é atribuída a representação do desejo, d, ao círculo vazio que dá suporte a todos os círculos plenos que se fecham no toro, assim “o desejo, (...) pode constituir-se dentro da tensão criada por essa relação com o Outro, a qual se origina no advento do traço unário” (LACAN, 2003, p. 231). O desejo inconsciente acha-se na repetição da demanda, é o desejo que suporta o movimento da repetição.

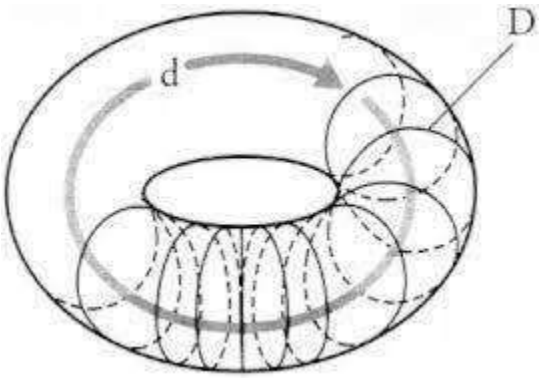


Figura 1 – fonte LACAN, 2003, p.271.

Na medida que o Outro não responde a não ser *nada pode ser* que o sujeito vai em busca a um objeto que possa encontrar as próprias virtudes de sua demanda inicial. O objeto **a**, localizado no vazio do toro, constituído através da relação com o Outro, “... enquanto ele próprio se origina do valor do traço unário. Nenhum privilégio no objeto, senão nesse valor absoluto dado a cada traço por ser um privilégio.” (LACAN, 2003, p, 234). Portanto pode-se depreender que nessa figura já comporta o esboço do sujeito. A mesma apreensão é derivada para a constituição do Outro. O sujeito sendo estruturado a partir do enlaçamento de dois toros,o dele enlaçado pelo seu vazio ao vazio do outro toro representado pelo Outro, figura 2.

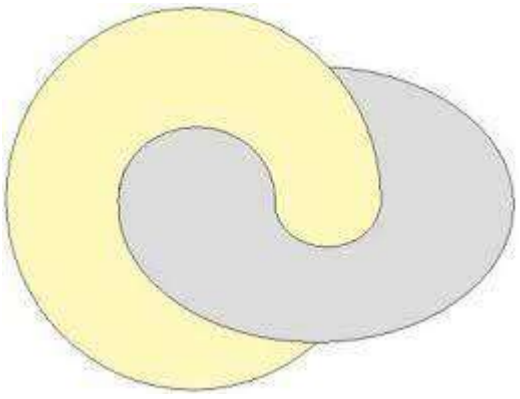


Figura 2 – Fonte: Lacan, 2003, p. 359.

Visando construir o enlaçamento dos dois toros e manuseá-los, fui em busca de dois macarrões utilizado para flutuar em piscina, fita crepe e fita isolante para poder representar respectivamente a Demanda e desejo em cada um deles, pelo entrelaçamento. Comecei a dar voltas no macarrão com a fita crepe para representar os círculos plenos, a Demanda. Depois passei de forma reta e continua na extensão do toro a fita isolante dando a noção de desejo, atribuída ao círculo vazio. Ao finalizar a construção algo estava estranho, e percebo que o desejo, fita isolante, deveria ser o primeiro a ser feito pois dá base aos círculos plenos, Demanda.

Refiz a construção e pude notar a consistência da figura, pois, o desejo do Outro toca-se com o desejo do sujeito e faz um circuito de dois toros entrelaçados ambos pelo vazio, da Demanda, dando consistência ao nada pelo objeto **a**. Assim apreendo na prática pelo manuseio dos toros que o sujeito e constituído pelo desejo do Outro, e que é através da repetição da Demanda que posso ter acesso ao objeto de desejo, objeto **a**. Lacan enfatiza que na Demando o que se repete é o significante e que este comporta a marca do traço unário, "Trata-se da busca (...) por esse traço unário aquele mesmo que não pode se repetir senão sempre para ser um outro" (LACAN, 2003, p. 318).

No toro tem-se a construção de diversos círculos internos capazes de enlaçar e desenlaçar em seu retorno o que se pode depreender sendo o oito invertido em torno do buraco interior, pois são estes que permite suportar, imaginar as relações como estruturais da Demanda e do desejo para que se possa exercitar as estruturas a partir da dimensão do desejo quer se trate de obsessivo, histérico, perverso e mesmo os esquizofrênicos. "O desejo é o que suporta o movimento (...) da demanda sempre repetida, (...) aí está o uso da topologia do toro-como completando alguma coisa" (LACAN, 2003, p. 318).

No toro depreende-se pelo manuseio e visualização alguns desses conceitos descritos acima, mas o que leva Lacan a continuar com os objetos topológico para um de difícil visualização, o cross-cap? Ele diz que há necessidade de manipular e conhecer a superfície e o corte de outra forma, em uma figura que apesar dos cortes ainda preserva suas propriedades e não se divide, isso aproximará da estrutura do sujeito. Ao mesmo tempo que esse modelo topológico permite dar conta de todas as funções do falo.

Diz que tentará dar um suporte topológico na transmutação da função do falo imaginário, φ, uma vez que "o falo pode continuar a permanecer indefinidamente como objeto de demanda àquele que não pode dá-lo nesse plano" (LACAN, 2003, p. 320), assim, "pelo fato do significante se redobrar, ser chamado à função de se significar a si mesmo, um campo produzido que é de exclusão e pelo qual o sujeito é rejeitado no campo exterior (...) antecipo

(...) que o falo, em sua função radical, é o único significante que pode se significar a ele próprio" (LACAN, 2003, p. 320).

Lacan visualiza o cross-cap a partir de conjugação de um espaço dado por uma bexiga cheia de ar e uma armadilha de dois arcos utilizada na caça de lobos como forma de vislumbrar este objeto. O que frisa neste modelo é a superfície não orientável, porém especulável que envolve um semicírculo e uma parte interpolável e fechada com uma linha de penetração que visualizando de baixo para cima assemelha-se a uma banda de Moebius, figura 3.

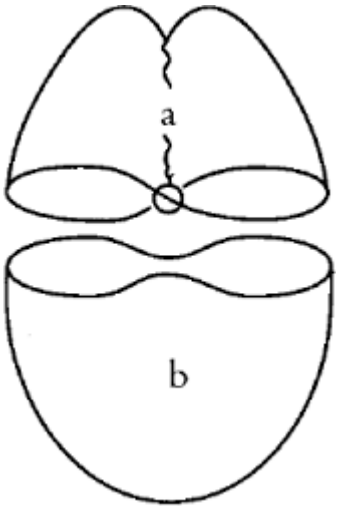


Figura 3 – Fonte: https://www.sauval.com/angustia/s7topologia.htm, acesso 01/02/2024.

Orienta fazer diversos cortes no cross-cap e de acordo com estes faz as seguintes considerações: um corte que passe pelo nó da linha de penetração dá o oito invertido, ao fazermos dois cortes tem-se algo similar a banda de Moebius e ao fazer três ou mais cortes ela se repetira indefinidamente como os laços anéis do toro, perde-se esta superfície que se abre ao infinito. A esse nó ele salienta que é um buraco, que não há possibilidade de fechamento e que é o mínimo que se consegue suturar nesta linha e diz que aí está o objeto **a.** Atribui a superfície dos objetos topológicos a designação de sujeito e ao corte efetuado nesse objeto designa como significante.

Pelo cross-cap depreende-se a fórmula da fantasia, **$<>a**, agora não mais sujeito barrado desejo de outro, nem sujeito barrado pulsão de objeto e sim sujeito barrado corte de **a**. Destacando o objeto **a**, como causa do desejo. Lacan diz que na fórmula da fantasia, **$<>a,** que esse quadrilátero, **< >,** se lê: "... o sujeito, enquanto marcado pelo significante é, propriamente, no fantasma, corte de **a**" (LACAN, 2003, p. 336).

Reinventei-me para imaginar em como fazer e manusear o cross-cap, fiz com um saco de plástico constituído de dois lados que pudesse ter um interior, um espaço com ar e uma linha que o fechasse e fosse interrompida no final por um ponto. O objetivo era fazer o duplo corte, e poder abstrair o que poderia representar este corte?

Fiz este objeto por diversas vezes com o cuidado de poder fazer o corte da parte externa, linha continua passando pela parte interna, linha tracejada, e cortando na direção do ponto, figura 4, porém em todas o erro esteve presente, não consegui que passasse pelo ponto e fizesse com que este pertencesse a parte destacada e não a parte que sobrava. Lacan diz que o duplo corte, significante, divide a superfície, portanto o sujeito, e dá suporte para a explicação da relação de **$** com **a,** fantasia, e a banda de Moebius.

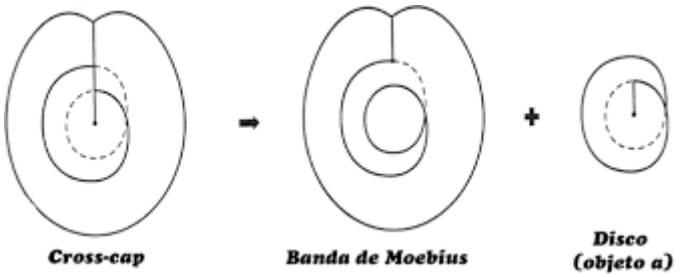


Figura 4 - fonte: https://www.sauval.com/angustia/s7topologia.htm, acesso 01/02/2024.

O ponto duplo e ponto simples ao mesmo tempo do cross-cap simboliza o que ele pode introduzir de objeto **a** “Esse ponto privilegiado (...) é o falo, (...) enquanto operador, que um objeto **a** pode ser posto no lugar mesmo onde nós, em uma outra estrutura (a saber o toro), não apreendemos senão seu contorno” (LACAN, 2003, p. 349). Este objeto primordial vem por ele cobrir a falta, o buraco do Outro, e é isso o fantasma. É uma outra leitura do efeito do significante não mais subjetiva como indo do sujeito para o objeto, mas agora de forma objetiva do objeto determinando o sujeito, promovendo o objeto como causando o sujeito.

Todo esse desenvolvimento de objeto **a** causa de desejo é trazido no caso clínico O homem dos lobos de Freud e terá no Seminário 10 – A angústia, futuras elaborações. O que posso elaborar nesse momento é que o sujeito colocado no lugar do falo, como objeto de desejo do Outro, e em determinados momento quando esse Outro passa a investir num outro objeto externo, faz com que o sujeito caia desse lugar investido como falo do Outro, gerando angústia, por não saber mais o que ele é para o Outro, assim há a possibilidade desse sujeito passar a investir em objetos que lhe causem desejo, agora a relação **$** corte de **a**.

Conclusão

Lacan diz que na clínica trabalha-se o tempo todo com a topologia, na dimensão do tempo, que a utilização do Grafo do desejo, em princípio, por ser planificado traz dificuldades e que a inclusão da topologia é imprescindível no auxílio ao manuseio e visualização pelos cortes, o seja, pelo significante, na superfície do sujeito. Dito desta forma é na experiencia psicanalítica que se recolhe os efeitos desses cortes, passando pelo objeto **a**, causa do desejo.

Meu embaraço após as tentativas de construção dos objetos topológicas foi em localizar o lugar do Outro no cross-cap, onde localizá-lo? Foi somente na reunião preparatória da Jornada do Seminário 9, que Mauro Dias diz que: "quando você erra você atualiza a presença do Outro como inconsciente", esse é o embaraço de poder ser sujeito de desejo no inconsciente.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. (1921). Psicologia das massas e análise do Ego. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud,** v.18. edição standard brasileira/Anna Freud: assistido por Alix Strachey e Alan Tyson: traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. (1948). **Escritos – Subversão do sujeito e dialética do desejo.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1953-1954). **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Texto estabelecido por Jacques-Alan Miller. Versão brasileira de Betty Milan. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. (1953-1954). **O Seminário, livro 8**: a transferência. Texto estabelecido por Jacques-Alan Miller. Versão brasileira de Betty Milan. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **A Identificação**: seminário 1961-1962. Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2003.